

LINGUÍSTICA *QUEER*: UMA PERSPECTIVA PÓS-IDENTITÁRIA PARA OS ESTUDOS DA LINGUAGEM

QUEER LINGUISTICS: A POST-IDENTITARY PERSPECTIVE TO LANGUAGE STUDIES

Rodrigo Borba¹

rodrigoborba@letras.ufrj.br

Resumo: Este artigo traz para o contexto brasileiro discussões sobre uma área relativamente recente para os estudos da linguagem: a linguística *queer*. Essa jovem abordagem centra suas atenções na investigação das relações entre linguagem e sexualidade a partir de um arcabouço teórico-metodológico proveniente da teoria *queer* (Butler, 1990, 1999, 2003; Jagose, 1996; Preciado, 2000). A linguística *queer* segue uma perspectiva não essencialista das identidades sexuais e argumenta que, em vez de uma realidade pré-discursiva, essas identidades emergem de contextos socioculturais de regulação e só podem ser entendidas como produtos/efeitos de performances corporais e linguísticas que repetem, reiteram ou subvertem discursos dominantes que trancafiavam as posições de sujeito em binarismos, como homem/mulher, hetero/homo. Objetivo, com este texto, desenhar um panorama dos principais conceitos dessa promissora área de pesquisa.

Palavras-chave: Linguagem e sexualidade. Linguística *queer*. Teoria *queer*.

Abstract: This paper brings to the Brazilian academic context discussions on a relatively recent paradigm in language studies: *Queer* linguistics. This young approach sheds light on the investigation of the links between language-use and sexuality based on a theoretical and methodological framework drawn from *Queer* theory (Butler 1990, 1999, 2003; Jagose 1996, Preciado 2000). *Queer* linguistics has a non-essentialist view of sexual identities. It argues that, instead of having a pre-discursive reality, sexual identities emerge from sociocultural contexts of regulation and can only be understood as products/effects of bodily and linguistic performances that repeat, reiterate or subvert dominant discourses that constrain subject-positions within binarisms such as man/woman, heterosexual/homosexual. My aim is to draw a general overview of *queer* linguistics' main concepts.

Key words: Language and sexuality. Queer linguistics. Queer theory.

Apresentação: Linguística *queer* 10 anos depois

A primeira encarnação deste artigo apareceu em 2006 neste mesmo periódico e teve como objetivo apresentar os principais conceitos da jovem área chamada Linguística *Queer* para o contexto brasileiro. Escrito por um mestrando em seu processo de amadurecimento intelectual e político em um momento no qual a teoria *queer* começava a penetrar a academia

¹ Professor adjunto do Departamento de Letras Anglo-Germânicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde também atua como professor do Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada.

brasileira, o texto pede para ser lido a partir do seu local e tempo de produção. Quase dez anos se passaram desde sua primeira aparição e desde então muito aconteceu: a teoria *queer* já se configura como um campo de investigação no Brasil com artigos (Miskolci, 2009), livros (Bento, 2006; Pelúcio, 2009; Leite Jr., 2011; Teixeira, 2013; Colling, 2015), congressos, grupos de pesquisa (por exemplo, o Grupo de Pesquisa em Cultura e Sociedade na UFBA, o Grupo de Pesquisas em Diferenças, Gênero e Sexualidade na UFSCAR, entre outros) e um periódico dedicado a discussões sobre sexualidade e normatividade (o Periódicus); a própria linguística *queer*, no contexto anglo-saxão, se solidificou como campo interdisciplinar nos estudos de linguagem com pesquisadores/as já se autointitulando como linguistas *queer* (Motschenbacher, 2011; Hall, 2013; Milani, 2013) e tem traçado caminhos um tanto diferentes daquele descrito quando da primeira publicação deste texto; e o autor do artigo está 10 anos mais velho, com barbas brancas, e, tendo acompanhado de perto essas reviravoltas intelectuais em torno do termo *queer* no Brasil e no exterior, não necessariamente concorda com tudo que escreveu em 2006.

Contudo, como a própria teoria *queer* acredita, repetir nunca é um processo de simples colagem; a repetição, ao contrário, produz diferença, pois o que se repete nunca é feito exatamente da mesma forma, com os mesmos propósitos e no mesmo contexto: repetição e diferença são os dois eixos ao redor do qual a construção de sentidos se movimenta. Assim, esta reencarnação do artigo foi moderadamente revisada, é uma repetição-diferente: o conteúdo se mantém; revisaram-se somente questões de forma. Ressalvas feitas, peço a generosidade do/a leitor/a, para que situe o artigo neste contexto de repetição e diferença. O texto é (quase) o mesmo; o autor, tendo amadurecido, é o mesmo mas outro, um mesmo-outro. A linguística *queer*, tendo se solidificado como área de investigação, também já não é exatamente a mesma, mas ainda se guia pelos conceitos discutidos aqui. Nessa dinâmica de repetição-diferença, o artigo é simultaneamente datado e atual; por essa razão, não foram feitas atualizações, que merecem – e, de fato, terão – uma discussão detalhada à parte.

Como brevemente dito acima, este texto teve como objetivo introduzir a Linguística *Queer* no contexto brasileiro. Infelizmente, desde sua publicação pouco foi feito pelas bandas de cá, no sentido de aproximar as preocupações *queer* ao estudo sistemático da linguagem em uso na sociedade. Isso não significa que a linguística *queer* não seja um campo produtivo. No contexto anglo-saxão, ela conta com artigos publicados em periódicos de prestígio (Kulick, 1999; 2000; Bucholtz e Hall, 2004; Hall, 2005; 2013; Motschenbacher, 2011; 2013; Milani, 2013; Coates, 2013; Leap, 2013; Edelman e Zimman, 2014, para citar somente alguns), livros publicados por editoras importantes (Livia e Hall, 1997; Campbel-Kibler et al., 2002;

Cameron e Kulick, 2003; Motschenbacher, 2010; Morrish e Sauntson, 2007; Sauntson e Kyratzis, 2007; Zimman et al., 2014) e um periódico, o *Journal of Language and Sexuality*. No entanto, a primeira discussão sistemática sobre linguística *queer* em português brasileiro, apesar de sua ingenuidade intelectual e acadêmica, é este artigo. Além disso, o instigante capítulo de Livia e Hall, publicado originalmente em 1997, e considerado como o estopim teórico para a linguística *queer*, foi traduzido para o português em 2010 (Livia e Hall, 2010).

A partir da publicação desses textos em terras tupiniquins, alguns trabalhos que se engajam com explicitamente a área foram desenvolvidos em forma de dissertações e teses (Borba, 2008; 2014a; Lewis, 2012; Santos Filho, 2012). Outros discutem questões de linguagem, gênero e sexualidade, sem necessariamente utilizar o sintagma “linguística *queer*” para se nomear, mas têm, não obstante, uma influência clara advinda dessa área (Moita Lopes e Fabrício, 2013; Borba, 2014b; 2014c; 2015; Rocha, 2014). Em outros termos, o campo é ainda jovem no Brasil, mas promete se desenvolver com mais e mais pesquisadores/as interessadas em investigar as relações entre linguagem e sexualidade, com vistas fazer uma crítica sociocultural e sociolinguística às práticas excludentes da heteronormatividade.

Para finalizar esta apresentação e não adiar mais ainda a leitura do texto, algumas palavras de precaução: quando da publicação deste artigo, a linguística *queer* era definida como “o estudo da linguagem-em-uso incrementado com ideias da teoria *queer*” (Barrett, 2002, p. 26). Nesse *ethos* de complementaridade entre duas áreas aparentemente muito distintas, o foco dos estudos recaía na descrição de como seres abjetos, para usar os termos de Butler (1993), utilizavam a linguagem em diversas práticas sociais: *drag queens*, gays, lésbicas, travestis, *hijras* etc. Estudava-se, assim, como pessoas que, por suas vivências sexuais e corporais, relegadas à zona de ininteligibilidade social, faziam uso estratégico de códigos linguísticos dissonantes na negociação de suas identidades e de sua existência cultural. Ou seja, as investigações tentavam explicar como esses indivíduos faziam uso de recursos linguísticos que, à primeira vista, não estariam autorizadas usar e como essa combinação de distintos códigos, registros, sotaques, léxicos etc. construía e (des)legitimava seu lugar social. Um exemplo paradigmático desse período são as *drag queens* afro-americanas estudadas por Barrett (1998): em seus shows, essas *drags* faziam uso de, pelo menos, três códigos linguísticos diferentes, i.e. a linguagem associada a mulheres brancas de classe média, o Inglês Vernáculo Afro-Americano e as gírias e códigos usados por gays no Texas da década de 1990. Com essa performance linguística polimorfa e polífona (Barret, 1999), essas *drags* construía (e criticavam) suas identidades e seus lugares sociais

regimentados pela hierarquia imposta pela matriz heterossexual. Esse artigo discute este primeiro momento da linguística *queer*.

Mais recentemente, a área se redefiniu como “o estudo crítico da heteronormatividade a partir de um ponto de vista linguístico” (Motschenbacher, 2011, p. 150). Passou-se, então, a investigar como discursos (no sentido foucaultiano de práticas que produzem os objetos dos quais falam) deixam traços na língua, possibilitam a ação social e são, na performance linguística, sustentados ou subvertidos. Ou seja, a linguística *queer* tem se configurado como uma área de investigação que estuda o espaço semântico-pragmático entre os discursos dominantes (i.e. heteronormatividade) e a performance linguística situada e tem-se mostrado, assim, como um campo promissor para o estudo de como fenômenos macro-sociológicos que produzem certos indivíduos como seres abjetos, inferiores ou patológicos são sustentados e/ou desafiados nos detalhes mais ínfimos de nossa vida social, notadamente, a linguagem-em-uso. A republicação deste artigo aparece neste contexto e objetiva promover a linguística *queer* como uma área que merece nossa atenção teórica e analítica.

Introdução

First there was Sappho (the good old days). Then there was the acceptable homoerotism of classical Greece, the excesses of Rome. Then, casually to skip two millennia, there was Oscar Wilde, sodomy, blackmail and imprisonment, Forster, Sackville-West, Radcliff Hall, inversion, censorship, then pansies, butch and femme, poofs, queens, fag hags, more censorship and blackmail, and Orton. Then there was Stone Wall (1969) and we all became gay. There was feminism, too, and some of us became lesbian feminists and even lesbian separatists. There was the drag and clones and dykes and politics and gay Sweatshop. Then there was AIDS, which, through the intense discussion of sexual practices (as opposed to sexual identities), spawned the Queer movement in America. Then that supreme manifestation of Thatcherite paranoia, Clause 28, which provoked the shotgun marriage of lesbian and gay politics in the UK. The child is Queer, and a problem child it surely is. (Susan Hayes 1994, p. 14, apud Jagose 1996, p. 75-76).

As últimas décadas testemunharam uma explosão discursiva sobre a sexualidade, que foi transformada em objeto de estudo de diversas áreas, por exemplo, antropologia, sociologia, psicologia, e constituiu-se, dessa maneira, em uma questão a ser pesquisada, questionada, diagnosticada, normatizada das mais variadas formas. Essa explosão discursiva nada mais é que o reflexo de mudanças sociais profundas que nos têm mostrado que a diversidade de significados e categorias sexuais é instável e multifacetada. Gays, lésbicas, travestis, bichas-boy, transexuais, intersexuais, crossdressers, bissexuais, heterossexuais,

assexuados, ursos, barbies, butches, femmes, fairy queens, butch queens, transgêneros². Todos, em maior ou menor grau, constituem uma preocupação para as ciências sociais que, no afã de caracterizá-los, veem-se em um campo onde as delimitações não são claras e as fronteiras são frequentemente ultrapassadas e/ou sobrepostas, o que acaba por produzir interpretações limitadas (e limitadoras). As tentativas de caracterizar as sexualidades polimorfos (Foucault, 2003) acabam por nos fornecer explicações baseadas em categorias inertes que constituem o binarismo de gênero que organiza as sociedades ocidentais, i.e. podemos ser homens *ou* mulheres heterossexuais; quem dessa dicotomia escapa, é tido como desviante, ou é a partir da dicotomia descrito.

No entanto, com o advento da teoria *queer*, as identidades não normativas têm sido discutidas sob um novo e libertador prisma. Pesquisadores/as de diversas áreas, no mundo anglo-saxão e mais recentemente no Brasil, vêm questionando as perspectivas tradicionais que têm norteado as investigações sobre sexualidade nas ciências humanas (por exemplo, Preciado, 2000; Louro, 2001; Foucault, 2003; Butler, 2003a; Parker, 2002; Uziel, Rios e Parker, 2004; Bento, 2006). Esses questionamentos, em última análise, referem-se às limitações impostas por categorias sexuais estanques e hegemônicas, i.e. homem e mulher, que castram as potencialidades identitárias de alguns indivíduos que essas categorias não contemplam. Várias áreas já aderiram a tal perspectiva, pois ela tem se mostrado eficiente para a investigação de identidades não normativas³. Uma dessas áreas é a linguística que, no contexto norte-americano, desde a segunda metade dos anos 1990, traz novas vozes para a investigação: *drag queens* (Barrett, 1998), transexuais (Livia, 1997), gays (Leap, 1996); lésbicas (Queen, 1997).

Com o presente texto, pretendo trazer à baila uma discussão sobre uma área de estudos da linguagem que vem seguindo os preceitos da teoria *queer*, na tentativa de investigar as ligações entre linguagem e sexualidade: a linguística *queer*. Para tanto, acredito que seja necessário esmiuçar os principais construtos teóricos, analíticos e metodológicos da teoria em

² Alguns dos termos inclusos nessa lista parcial de identidades sexuais podem não ser inteligíveis aos/às leitores/as brasileiros/as. A grande maioria das palavras em inglês se refere a categorias verificadas etnograficamente por alguns estudiosos (Dozier, 2005; Schrock, Reid e Boyd, 2005; Valentine 2002) e que são contextualmente construídas. Uma lista de termos em português é difícil de elaborar por falta de estudos etnográficos concisos sobre as identidades não normativas. Os estudos brasileiros tendem a investigar as homossexualidades por um cânon bastante estreito, focalizando principalmente gays, lésbicas e travestis. Essas não são as únicas identidades que compõem o escopo das sexualidades brasileiras e, portanto, faz-se necessário que estudos futuros lancem esforços na descrição de identidades produzidas localmente em grupos socioculturais específicos, para aumentar nossa compreensão sobre a fragmentação das identidades sexuais disponíveis.

³ Identidades não normativas são aquelas construídas por indivíduos que, em suas performances, não reiteram completamente os ideais heteronormativos impostos em sociedades ocidentais industrializadas.

questão para, a seguir, ligá-los aos estudos linguísticos. Na seção seguinte, discuto, em linhas gerais, o que a teoria *queer* e seus propósitos políticos.

Teoria *queer*

Para tentar entender o que vem a ser a teoria *queer*, é mister que esclareçamos o significado do léxico inglês que compõe o nome da área. *Queer* pode ser traduzido por esquisito, estranho, raro, ridículo, excêntrico. Contudo, o termo ficou mais conhecido no mundo de língua inglesa como uma forma pejorativa de se referir a mulheres e homens homossexuais. Um insulto homofóbico que, a partir do final da década de 1980, foi apropriado pelos grupos que pretendia menosprezar e resignificado em uma ação política que afirmava *We're queer, we're here, get fucking used to it!* Nessa onda de contestação performativa da injúria (Butler, 1997), teóricos/as gays e lésbicas também se apropriam do termo para referir-se ao que se costumava denominar Estudos Gays e Lésbicos. Com efeito, o termo *queer* passa a ter dois significados distintos, mas interligados: (1) refere-se aos grupos de gays, lésbicas e transgêneros de modo abrangente; (2) refere-se à área de estudos sobre esses grupos.

No entanto, com a publicação da obra da *grande dame* da teoria *queer*, Judith Butler, *Gender Trouble: Feminism and the subversion of identity* (1990), o significado do termo *queer* é expandido e novamente resignificado. Como brilhantemente nos explica Louro (2001), “*queer* significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier [...]. *Queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora” (p. 546). É importante notar que adotar uma perspectiva *queer* é, acima de tudo, ter uma visão crítica dos discursos sobre sexualidade que normatizam uns e marginalizam outros. O gênero é tomado como efeito de uma sofisticada maquinaria discursiva mantida por instituições como o direito, a medicina, a família, a escola, e a língua, que produzem corpos-machos e corpos-fêmeas, obscurecendo outras possibilidades de estruturação das práticas generificadas e sexuais. Teóricos e teóricas *queer* têm como alvo direto de investigação e crítica a construção da heteronormatividade, ou seja, as regras que normatizam e naturalizam a heterossexualidade como modo “correto” de estruturar o desejo. Destarte, um dos principais construtos teórico-metodológicos dessa teoria é a desnaturalização/desontologização do que é considerado normal e, por conseguinte, daquilo que é relegado à zona da anormalidade. A heteronormatividade, dizem os/as teóricos/as *queer*, é uma construção discursiva (Katz, 1996) com viés político que visa à

marginalização dos que com ela não se identificam. Essa heteronormatividade é constituída por regras, produzidas nas sociedades, que controlam o sexo dos indivíduos e que, para isso, precisam ser constantemente repetidas e reiteradas para dar o efeito de substância, de natural. Esse efeito é *performativo*, isto é, tem o poder de produzir aquilo que nomeia e, assim, repete e reitera as normas de gênero. Como observa Butler (2003b), “as normas de gênero operam ao ordenar a corporificação de certos ideais de feminilidade e masculinidade, ideais que são quase sempre relacionados à idealização do vínculo heterossexual” (p.157).

Outro construto essencial para a teoria *queer*, rapidamente mencionado acima, e que é basilar para a linguística *queer*, é a noção de performatividade. Idealizada pelo filósofo da Linguagem J. L. Austin (1976), a teoria dos atos de fala indica que, ao falar, não só descrevemos o mundo, mas sobre ele agimos, fazemos coisas. Enunciados como “eu vos declaro marido e mulher”, quando proferidos por indivíduos autorizados, não caracterizam a realidade, mas a (re)criam. Dessa forma, enunciados, não são meramente descritivos; eles são, nessa perspectiva, prescritivos. Utilizando *insights* dessa teoria para demonstrar como os gêneros sociais (e, de modo geral, as identidades) são produtos das performances locais dos indivíduos, Butler (2003a) afirma que

[o] gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura regulatória altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. (p. 59).

É, assim, a partir da repetição constante de certos atos impingidos no corpo que criamos nossas identidades. Esses atos são, para Butler, performativos, pois “a essência ou a identidade que pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos” (Butler 2003a, p. 194). As performances de gênero e sexualidade são reguladas por normas que estabelecem como homens e mulheres devem agir – o que Butler identifica como heteronormatividade. Essas regras limitam as potencialidades dos gêneros, circunscrevendo-os a um binarismo castrador. Como mencionado acima, podemos ser homens ou mulheres (heterossexuais), e aqueles/as que rompem com as possibilidades de classificação, através de suas práticas, são tornados seres abjetos, culturalmente ininteligíveis e/ou desprezados, corpos que não importam (Butler, 1999). Porém, como sugere Louro (2001), esses sujeitos abjetos, exatamente por subverterem as normas de gênero, “são socialmente indispensáveis, já que fornecem o limite e a fronteira, isto é, fornecem o ‘exterior’ para os corpos que ‘materializam a norma’, os corpos que efetivamente importam” (p. 549).

Com as críticas à heteronormatividade, teóricos e teóricas *queer* sugerem que é fundamental uma mudança efetiva que desestabilize e destrua a lógica binária de gênero e seus efeitos controladores: a exclusão, a hierarquia, a classificação, a dominação, a segregação. Para empreender tal mudança, a teoria *queer* tem como construto metodológico a desconstrução e a contestação para a análise e crítica sociocultural. A partir desses métodos, quer-se minar todo e qualquer binarismo que implique hierarquia e exclusão, por exemplo, hetero/homo, branco/negro, homem/mulher. Afirma-se, assim, que o segundo termo da dicotomia não é ao primeiro submisso e dependente, mas, sim, livre para traçar significados próprios não necessariamente relacionados à primeira parte do par. Esses (novos) significados só podem ser manufaturados em nossas performances diárias que, em vez de repetir normas, têm a possibilidade de não segui-las (obviamente sob algum risco social) e, dessa forma, desafiar sua hegemonia.

Em linhas muito gerais, os princípios da teoria *queer* foram acima descritos. Centrei meus esforços nos conceitos mais relevantes que irão informar uma abordagem *queer* nos estudos da linguagem. Resumidamente, a teoria *queer* nasceu dos esforços de alguns/mas estudiosos/as e grupos sociais que se viam desprivilegiados com as classificações de gênero e sexuais disponíveis na sociedade. Com a introdução do termo *queer*, classificações outras são possíveis e as identidades, consideradas como performances, adquirem um *status* discursivo e local com potencialidades de submeterem-se às normas heteronormativas de gênero e sexualidade ou de subvertê-las através de repetição (ou não) dessas normas. Vimos também que teoria *queer* opera por desestabilização do que é tido como normal e, assim, traz novas vozes para a investigação científica.

Linguística *queer*: linguagem e sexualidade

Um dos pontos mais importantes para a teoria *queer* é demonstrar as maneiras que pressuposições heteronormativas relacionadas a categorias identitárias pré-definidas são parte de um discurso social de dominação. Como indica Rusty Barrett (2002), “o significante *queer* pretende não ter um significado no mundo-real; *queer* refere-se a um conjunto imaginado e não definido de práticas sexuais (e indivíduos associados a essas práticas) que escapa das pressuposições heteronormativas dos discursos sociais dominantes” (p. 27). Assim, não se pode dizer que a linguística *queer* seja o estudo de uma categoria pré-definida e bem delimitada, como gays e lésbicas. A empreitada é muito mais pretensiosa. Quer-se, ao cravejar os estudos linguísticos com ideais *queer*, criar inteligibilidades sobre como construímos,

negociamos e estruturamos nossas identidades dentro de sociedades heteronormativas que impõem determinadas maneiras de ser *aprioristicamente*. Nessa perspectiva, práticas discursivas que envolvem indivíduos (homoeróticos ou não) são entendidas como parte de uma estrutura de dominação que limita as ações discursivas de maneiras variadas. Já que somos construídos através do que falamos (Cameron, 2001), ao falar utilizamos discursos que temos disponíveis, e esses discursos podem ecoar (repetir e reiterar) as normas da heteronormatividade, nos impelindo, assim, a posições de sujeitos com as quais não necessariamente nos identificamos.

A linguística *queer* (LQ, doravante) foi inaugurada com a publicação de *Queerly Phrased: Language, Gender, and Sexuality* (Livia e Hall, 1997), uma coletânea de artigos que versam sobre a construção discursiva de identidades sexuais a partir de uma perspectiva performativa. Livia e Hall, na introdução de sua obra, argumentam que o conceito de performatividade é essencial no campo dos estudos da linguagem. Segundo as autoras, embora Butler tenha derivado o conceito de teorias linguísticas, ela não está interessada em analisar como a sexualidade emerge em contextos sociolinguísticos. Na tentativa de preencher essa lacuna, a LQ volta suas atenções para teorias sobre ideologias (Gall e Irvine, 1995), práticas (Bourdieu, 1977, 1985) e identidades que podem ser utilizadas para ancorar o estudo da produção discursiva da sexualidade nas performances locais de indivíduos. Essas teorias indicam que a identidade não é necessariamente inerente, individual e intencional. Como observam Bucholtz e Hall (2004),

[...] a identidade não pode ser inerente se ela é um resultado emergente (em vez de uma fonte pré-existente) das ações sociais; ela não pode ser individual se é socialmente negociada; e não pode ser totalmente intencional, já que é produzida por práticas e ideologias que excedem nossa consciência. (p. 493)

Dessa forma, as identidades sexuais são abordadas, na LQ, como produtos/efeitos de práticas socioculturais locais que somente podem ser verificadas através de estudos etnográficos que analisem, através de uma descrição densa (Geertz, 1989), as performances (corporais e linguísticas) situadas dos indivíduos. Essas performances incluem tanto categorias de nível macro como posições culturais que emergem etnograficamente. É na interseção entre o micro e o macro que a prática linguística deve ser analisada para investigar as limitações heteronormativas (e as possíveis subversões dessas limitações). Portanto, a LQ requer que examinemos como falantes administram ideologias locais sobre as posições identitárias disponíveis na produção de suas identidades sexuais. O objetivo principal da LQ é

investigar como indivíduos considerados não-normativos negociam suas identidades dentro dos constrangimentos discursivos da heteronormatividade ao repeti-la ou desafiá-la em suas performances linguísticas. Bucholtz e Hall (2004) asseveram que “a linguística *queer* traz para a análise linguística a regulação da sexualidade pela heterossexualidade hegemônica e as maneiras nas quais sexualidades não normativas são negociadas em relação a essas estruturas regulatórias” (p. 471). Segundo as autoras, “uma das características mais instigantes da linguística *queer*, de uma visão teórica, é que ela nos permite falar sobre ideologias, práticas e identidades sexuais como fenômenos interrelacionados sem perder de vista as relações de poder” (*ibid.*). Posso citar como exemplos de pesquisas nessa perspectiva os estudos de Barrett (1998; 1999) sobre *drag queens* afro-americanas; Hall (1997) sobre as hijras indianas; Livia (1997) sobre a construção discursiva de uma transexual francesa; Queen (1997) sobre a identidade lésbica; Moita Lopes (2006a) sobre as performances de masculinidade hegemônica em uma escola pública brasileira; Moita Lopes (2006b) sobre a construção da homossexualidade em um jornal popular carioca; e Borba e Ostermann (2007) sobre a construção discursiva da identidade de travestis que se prostituem⁴. Esses estudos nos mostram que a LQ se interessa pela investigação de toda a extensão de identidades, ideologias e práticas sexualizadas que emergem de contextos socioculturais específicos. Dessa maneira, a LQ lança seu foco de atenção sobre o comportamento humano e pode nos dar a oportunidade de compreender como as sexualidades são estruturadas, construídas, controladas, negociadas dentro de organizações heteronormativas, que são por si construções discursivas materializadas por sua repetição incessante.

Linguistas *queer* ao investigar a sexualidade a consideram como “um conjunto de sistemas de ideologias, práticas e identidades mutuamente constituídas que dão significados sóciopolíticos aos corpos como lugares erotizados e/ou reprodutivos” (Bucholtz e Hall 2004, p. 470). Esse abrangente conceito indica que as sexualidades são produzidas em nossos corpos através de práticas limitadas por ideologias locais. A teoria *queer*, ao afirmar que as identidades não são pré-formadas, mas sim performadas (Pennycook 2004) em práticas contextualizadas, mostra-se uma excelente ferramenta para o estudo das sexualidades. Porém, não é o único. Como sugerem Bucholtz e Hall (2004), a LQ também bebe de fontes teórico-metodológicas provenientes da teoria feminista, da sociolinguística, da antropologia linguística e da análise do discurso. As autoras indicam que a teoria feminista contextualiza tanto as sexualidades *queer* quanto as sexualidade hegemônicas com relação a outros

⁴ Embora nem todos os estudos referidos explicitamente se filiam à linguística *queer*, os cito, pois muitos de seus preceitos teórico-metodológicos são a ela relacionados.

fenômenos socioculturais como gênero, raça e classe social: “a combinação dessas abordagens faz surgir uma visão ampla e criticamente nuançada da sexualidade” (Bucholtz e Hall 2004, p. 490). Portanto, as investigações linguísticas com um viés *queer* devem, durante a etnografia, salientar os atravessamentos identitários que constituem as sexualidades localmente construídas. Assim, por exemplo, não se é somente uma lésbica; mas sim uma lésbica, feminista, negra, de classe popular, secretária, com práticas sexuais sadistas... Dessa forma, ao analisarmos as práticas discursivas nas quais os indivíduos engajam-se podemos estudar a construção discursiva de um imenso leque identitário que, em suas performances corporais e linguísticas, escapam as dicotomias homem/mulher, hetero/homo. Conquanto, é crucial observar que embora à primeira vista essas identidades pareçam escapar do binarismo, elas podem ser por ele moldadas. Um dos *insights* da teoria *queer* sobre a dominação heterossexual das identidades é que, mesmo identidades *queer* podem derivar seus sentidos de estruturas heteronormativas (Bucholtz e Hall 2004; Hall 2003; Pelúcio 2005 para interessantes discussões sobre o assunto). Ou seja, mesmo as práticas e teorias mais subversivas produzem suas próprias normatividades.

Como referido acima, a LQ também busca na sociolinguística, na antropologia linguística e na análise do discurso ferramentas para suas investigações. Resumidamente falando, todas essas disciplinas enfatizam que a linguagem tem um papel catalizador entre estruturas de poder e atividades humanas (Bucholtz e Hall 2003). Bucholtz e Hall (2004:492) indicam que a linguagem, nas perspectivas supracitadas, tem três aspectos importantes para a LQ:

- 1) ela é a engrenagem pela qual ideologias circulam;
- 2) é o palco sobre o qual as práticas sociais são produzidas; e
- 3) é o meio pelo qual as identidades são construídas.

Tendo isso em perspectiva, as autoras afirmam que qualquer análise linguística é insatisfatória se não incluir as relações entre sistemas de poder e as maneiras como eles são negociados por indivíduos em contextos locais. Destarte, pode-se falar da performatividade como um fenômeno local cravejado de ideologias, identidades e práticas sociais mais abrangentes. A investigação dessas performances pode demonstrar como a multiplicidade de identidades sexuais é construída e negociada *vis a vis* ideologias sobre a sexualidade, presentes nas práticas através das quais essas ideologias são expressas. Pode-se, assim,

construir inteligibilidades sobre (1) as imposições ideológicas impostas a indivíduos em contextos locais e (2) as relações de fluidez mútua entre linguagem e sexualidades.

Considerações finais

Queerificar os estudos linguísticos significa produzir uma visão mais nuançada e multifacetada de como *queers* – gays, lésbicas, travestis, transexuais, heterossexuais e todos/as aqueles/as que, em suas performances, de alguma forma, desestabilizam dicotomias identitárias – utilizam a linguagem para construir-se dentro das limitações heteronormativas dos discursos que impõem posições de sujeito naturalizadas. Essa *queerificação* pode ter efeitos decisivos no escopo do campo dos estudos linguísticos que têm por muito tempo reduzido seus sujeitos de pesquisa a indivíduos brancos, de classe média, heterossexuais e ocidentais como se todos/as falantes assim o fossem e como se a linguagem utilizada por esses indivíduos fosse a única que merecesse ser investigada. Com o estudo de como *queers* utilizam a linguagem, a linguística pode aumentar a compreensão do poder da linguagem como um construto mediador e constitutivo de nossas identidades (Moita Lopes 2002).

Além disso, outra contribuição relevante que a linguística *queer* traz é a desessencialização e desontologização da relação entre linguagem e identidades sociais. A linguagem deve ser considerada como um ato de identidade. Ou seja, não falamos A, B ou C por que somos X, Y, Z; mas *nos constituímos* como X, Y ou Z ao falar A, B ou C. A *queerificação* da linguística é *par excellence* uma ação epistemológica pós-estruturalista que desconstrói visões monolíticas das ligações entre identidade e uso de língua se mostrando como uma bela esperança para aqueles/as que (ainda) estão à margem da sociedade e da academia.

Referências

- AUSTIN, J. L. 1976. *How to do things with words*. Oxford, Oxford University Press.
- BARRET, R. 1998. Markedness and style switching in performances by African American drag queens. In: C. MYERS-SCOTTON (ed.), *Codes and consequences: Choosing linguistics varieties*. New York, Oxford University Press, p. 139-161.
- BARRET, R. 2002. Is queer theory important for sociolinguistic theory? In: K. CAMPBELL-KIBLER et al. (eds.), *Language and Sexuality: Contesting meaning in theory and practice*. Stanford, CSLI Press, p. 25-43.

- BARRETT, R. 1999. Indexing polyphonous identity in the speech of African American drag queens. In.: BUCHOLTZ, M.; LIANG, A. C.; SUTTON, L. (eds.), *Reinventing identities: the gendered self in discourse*. Oxford:OUP, p. 313-331.
- BENTO, B. 2006. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro:Garamond.
- BORBA, R; OSTERMANN, A. C. 2007. Do bodies matter? Travestis' embodiment of (trans)gender identity through the manipulation of the Brazilian Portuguese grammatical gender system. *Gender and Language* 1(1): 129-145.
- BORBA, R. 2008. *Alteridades em fricção: discursos e identidades na prevenção de dst/aids entre travestis*. Dissertação (mestrado). Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- BORBA, R. 2014a. *(Des)aprendendo a "ser": trajetórias de socialização e performances narrativas no Processo Transexualizador*. Tese (doutorado) – Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- BORBA, R. 2014b. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. *Cadernos Pagu* 43:441-474.
- BORBA, R. 2014c. Sobre os obstáculos discursivos para a atenção integral e humanizada à saúde de pessoas transexuais. *Sexualidad, Salud y Sociedad* , n. 17, p. 66-97.
- BORBA, R. 2015. How an individual becomes a subject: discourse, interaction and subjectification at a Brazilian gender identity clinic. *Working Papers in Urban Language and Literacies*, n. 163.
- BOURDIEU, P. 1977. The Economics of Linguistic Exchanges. *Social Science Information* 16:645-668.
- BOURDIEU, P.1985. The Social Space and the Genesis of Groups. *Theory and Society* 14: 723-744.
- BUCHOLTZ, M.; HALL, K. 2004. Theorizing Identity in Language and Sexuality Research. *Language in Society* 33 (4):449-515.
- BUCHOLTZ, M.; HALL, K. 2003. Language and Identity. In. A. DURANTI (ed.), *A Companion to Linguistic Anthropology*. Oxford, Basil Blackwell, p. 268-294.
- BUTLER, J. 1990. *Gender Trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York and London, Routledge.
- BUTLER, J. 1993. *Bodies that matter: on the discursive limits of 'sex'*. Londres:Routledge.
- BUTLER, J. 1997. *Excitable speech: a politics of the performative*. Londres:Routledge.

- BUTLER, J. 1999. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do sexo. In: G. Louro (org.), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, pp. 151-172.
- BUTLER, J. 2003a. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- BUTLER, Judith. 2003b. Critically Queer. In Erin Striff (ed.), *Performance Studies*. New York, Palgrave, p152-177.
- CAMERON, D.; KULICK, D. *Language and sexuality*. Cambridge:CUP.
- CAMERON, D. 2001. *Working with Spoken Discourse*. London: Sage.
- CAMPBELL-KIBLER, K; PODESVA, R.; ROBERTS, S.; WONG, A. 2002. *Language and sexuality: contesting meaning in theory and practice*. Stanford:CSLI Publications.
- COATES, J. 2013. The discursive construction of everyday heterosexualities. *Discourse and Society* 24:536-552.
- COLLING, L. 2015. *Que os outros sejam o normal: tensões entre o movimento LGBT e o ativismo queer*. Salvador:Editora da Universidade Federal da Bahia.
- DOZIER, R. 2005. Beards, breasts, and bodies: doing sex in a gendered world. *Gender in Society* 19(3):297-316.
- EDELMAN, E.; ZIMMAN, L. 2014. Boycunts and bonus holes: trans men's bodies, neoliberalism, and the sexual productivity of genitals. *Journal of Homosexuality* 61:673-690.
- FOUCAULT, M. 2003. *A história da sexualidade I*. Rio de Janeiro:Grael.
- GAL, S; IRVINE, J. 1995. The boundaries of language and disciplines: How ideologies construct difference. *Social Research* 62:967-1001.
- GEERTZ, C. 1989. *A interpretação das culturas*. São Paulo: LTC – Livros Técnicos e Científicos.
- HALL, K. 1997. “Go suck your husband’s sugarcane!”: hijras and the use of sexual insult. In: LIVIA, A.; HALL, K. (eds.), *Queerly Phrased: Language, gender, and sexuality*. New York, Oxford University Press, pp. 430-460.
- HALL, K. 2003. [Exceptional Speakers: Contested and Problematized Gender Identities](#). In: MEYERHOFF, M.; HOLMES, J. (eds.), *Handbook of Language and Gender*. Oxford: Basil Blackwell. 352-380.
- HALL, K. 2005. Intertextual sexuality: Parodies of class, identity and desire in liminal Delhi. *Journal of Linguistic Anthropology* 15(1):125-144.
- HALL, K. 2013. “It’s a hijra!”: queer linguistics revisited. *Discourse and society* 24(5):634-642.

- JAGOSE, A. 1996. *Queer Theory: An introduction*. New York, New York University Press.
- KATZ, J. 1996. *A Invenção da heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- KULICK, D. 1999. Transgender and Language. *GLQ: A journal of lesbian and gay studies* vol. 5, n.4, p. 605-622.
- KULICK, D. 2000. Gay and Lesbian language. *Annual Review of Anthropology*, vol. 29, p. 243-285.
- LEAP, W. 1996. *Words Out: Gay men's English*. Minneapolis and London: University of Minnesota Press.
- LEAP, W. 2013. Queering language and normativity. *Discourse and Society* 24(5):643-648.
- LEITE JR., Jorge. 2011. *Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias 'travesti' e 'transsexual' no discurso científico*. São Paulo: Annablume.
- LEWIS, E. 2012. "Não é uma fase": construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- LIVIA, A. 1997. Disloyal to masculinity: Linguistic gender and liminal identity in French. In: LIVIA, A.; HALL, K. (eds.), *Queerly Phrased*. New York: Oxford University Press, pp. 349-368.
- LIVIA, A.; HALL, K. 2010. "É uma menina!": a volta da performatividade à linguística. In: OSTERMANN, A.; FONTANA, B. (orgs.), *Linguagem. Gênero. Sexualidade. Clássicos traduzidos*. São Paulo:Parábola, p. 109-128.
- LIVIA, A; HALL, K. 1997. *Queerly Phrased: Language, gender, and sexuality*. New York: Oxford University Press.
- LOURO, G. L. 2001. Teoria *Queer*: uma perspectiva pós-identitária para a Educação. *Revista de Estudos Feministas* 9(2):541-553.
- MILANI, R. 2013. Are 'queers' really 'queer'? Language, idetity and same-sex desire in a South African online community. *Discourse and Society* 24(5):615-633.
- MISKOLCI, R. 2009. A teoria *queer* e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias* vol. 21, p. 150-182.
- MOITA LOPES, L. P. 2002. *Identidades fragmentadas*. Campinas, Mercado de Letras.
- MOITA LOPES, L. P. 2006a. On being white, male and heterosexual: Multiple positionings in oral narratives. In. SCHIFFRIN, D.; DE FINNA, A; BAMBERG, M. (eds.), *Discourse and Identity*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 288-316.
- MOITA LOPES, L. P. 2006b. "Falta homem até pra homem": A construção da masculinidade

hegemônica no discurso midiático. In: HEBERLE, V.; OSTERMANN, A.; FIGUEIREDO, D. (orgs.), *Linguagem e Gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos*. Florianópolis, Editora da UFSC, p. 131-157.

MOITA, LOPES, L.P.; FABRÍCIO, B. Desestabilizações *queer* na sala de aula: táticas de guerrilha e a compreensão da natureza discursiva dos gêneros e sexualidades. In.: FABRÍCIO, B.; PINTO, J. (orgs.), *Exclusão social e microresistências: a centralidade das práticas discursivo-identitárias*. Goiania:Cânone Editorial, p. 281-299.

MORRISH, L.; SAUNTON, H. 2007. *New perspectives on language and sexual identity*. Basingstoke:Palgrave Macmillan.

MOTSCHENBACHER, H. 2010. *Language, gender and sexual identity: poststructuralist perspectives*. Amsterdam:John Benjamins.

MOTSCHENBACHER, H. 2011. Taking queer linguistics further: sociolinguistics and critical heteronormativity research. *International Journal of the Sociology of Language* 212:149-179.

MOTSCHENBACHER, H. 2013. “Now everybody can wear a skirt”: linguistic constructions of non-heteronormativity at Eurovision song context press conferences. *Discourse and Society* 24(5):590-614.

PARKER, R. 2002. *Abaixo do Equador: Culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro:Record.

PELÚCIO, L. 2005. Na noite nem todos os gatos são pardos: Notas sobre a prostituição travesti. *Cadernos Pagu* (25):217-248.

PELÚCIO, L. 2009. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesty sobre o modelo preventivo de aids*. São Paulo:Annablume.

PENNYCOOK, A. 2004. Performativity, and language studies. *Critical Inquiry in Language Studies: Na International Journal* 1(1): 1-19.

PRECIADO, B. 2002. Da filosofia como modo superior de dar por el culo. *Reverso Revista de Estudos Lesbianos, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneros*. Madrid: Higuera Arte S.L. n.3.

QUEEN, R. 1997. “I don’t speak spritch”: locating lesbian language. In. LIVIA, A.; HALL, K. (eds.), *Queerly Phrased*. Nova York:Oxford University Press, pp.233-256.

ROCHA, L. 2014. Queer literacies in the Brazilian Public school: performing action research. In.: LEWIS, E.; BORBA, R.; FABRÍCIO, B.; PINTO, D. (eds.), *Queering paradigms: South-North dialogs on queer epistemologies, embodiments and activisms*. Berlin:Peter Lang, p. 95-115.

SANTOS FILHO, I. 2012. *A construção discursiva de masculinidades bissexuais: um estudo em linguística queer*. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Pernambuco.

SAUNTON, H.; KYRATZIS, S. 2007. *Language, sexualities and desires: cross-cultural perspectives*. Basingstoke:Palgrave Macmillan.

SCHROCK, D.; REID, L.; BOYD, E. 2005. Transsexuals embodiment of womanhood. *Gender in Society* 19(3): 317-335.

TEIXEIRA, F. 2013. *Dispositivos de dor: sabers-poderes que (con)formam as transexualidades*. São Paulo:Annablume.

UZIEL, A. P.; RIOS, L. F.; PARKER, R. G (orgs.). 2004. *Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de aids*. Rio de Janeiro:Pallas.

VALENTINE, D. 2002. "We're not about gender": The uses of transgender. In: E. Lewin; W. Leap (eds.), *Out in theory: The emergence of lesbian and gay Anthropology*. Champaign, University of Illinois Press, pp. 222-245.

ZIMMAN, L.; DAVIS, J.; RAELAW, J. 2014. *Queer excursions: retheorizing binaries in language, gender and sexuality research*. Oxford:Oxford University Press.